

Meus tempos de mulher

Meus tempos de mulher
Envolveram aniquilações
Meus tempos de mulher
Envolveram seios amputados

Meus tempos de mulher

Eu sou um rombo no amor
Sou uma noiva em chamas
Estou envolto por uma profusão de fios

Meus tempos de mulher
Meus tempos de mulher

Deito no meio da estrada
Fui sua escrava
Meu ventre é um oceano
De mágoa e rancor

Meus tempos de mulher
Meus tempos de mulher

E mesmo assim você tenta me convencer
A vir pra fora e viver
Eu sou um cão manco
Não tenho nada a oferecer

Meus tempos de mulher
Meus tempos de mulher

Estou tão destruído, meu bem
Mas quero ver
Um olho que brilhe
Alguma beleza minha
Minha beleza, tão perdida
Minha beleza, tão perdida

Meu coração ... em pedaços
Se encanta
Por essa menina.

Antony and the Johnsons.

Lido por Katja Skilliró
no Sarau III nov 2008

Sem Título

Imploro palavras

Ao meu Deus bloqueado

Pesada a pedra que fechou a porta

Abra-te Sésamo

Procuro a senha

Dionísio, escapei de ti

O branco matou o borrão

Foi-se o pecado original

Procuro fios umbilicais

Para Religar. Amarrar fios

Que te tragam das vísceras

Até meu coração

Do meu coração até a garganta

E você apareceria nas lágrimas

Saindo por cima e por baixo no gozo.

Ando lenta num filme câmera lenta

O sentido escapou

Vou autômato pelo deserto. Não importa.

Meu Deus

Te reclamo

Te reclamo pra não te esquecer

Não me apague seu rosto
Nessa era pós Nietzsche
Não suma do meu corpo
Não quero virar Pinóquio
Sempre fui gente de carne
e osso.

Junho/1997

Malu Oliveira Castro

Uma Florzinha

Uma florzinha amarela
Tombou aos meus pés
Andantes no cinza
Inverno em Paris
Chuva. Kafar. Calçadas.
Multiraças desconectadas
em metrô
Uma florzinha tombou
Nos meus pés mesmo assim.
Santa sincronia.
Presente dos deuses
Que ainda moram
Por essas esquinas

Oxalá!

Luca Leão
Janeiro/2002

VENTO

Se a gente jogar uma pedra no vento
Ele nem olha para trás.
Se a gente atacar o vento com enxada
Ele nem sai sangue da bunda.
Ele não dói nada.
Vento não tem tripa.
Se a gente enfiar uma faca no vento
Ele nem faz ui.
A gente estudou no Colégio que vento
é o ar em movimento.
E que o ar em movimento é vento.
Eu quis uma vez implantar uma costela
no vento.
A costela não parava nem.
Hoje eu tasquei uma pedra no organismo
do vento.
Depois me ensinaram que vento não tem
organismo.
Fiquei estudado.

Poesia de Manoel de Barros
Lida para as crianças
por Luca Leão
no Sarau III – nov/2008

ASFALTO

As palavras
ou são poéticas
ou são paralelepípedos.
Meu coração é uma britadeira anarquista
Me faz surda
às buzinhas
e aos booms literários.
Morrerei mendiga
de mentiras
e pedras aguadas.
No bar de esquina
vendem cafezinho requentado.
Querem que a gente viva
de maresia de piscina
babe a gravata
com milk shocks
de cruces e credos
batidos em computador.

Prefiro
martelar palavras.

Poesia de Liana de Camargo Leão – livro “Impressão Digital”
Lida por Luca Leão no Sarau III – nov/2008

Brilho de Verão

Você chega

Um quadro janeiro

Em tons de olhos e peles

Verde e magenta

Irradiando

Atomicamente no meu coração

A energia tridimensionada

Numa escultura cheirosa

Molha minha boca.

Você parte

Pulso. Só

Só pulso

Pulso. Só

Só pulso

Pulso sol

Irradio

Luca Leão 03/02/1994

DESEJAR SER

I.

Com pedaços de mim eu monto um ser atônito.

Manoel de Barros. Livro Sobre Nada

Lido por Luca Leão

Sarau III Nov 2008

DESEJAR SER

5.

Sou um sujeito cheio de recantos.

Os desvãos me constam.

Tem hora leio avencas.

Tem hora, Proust.

Ouço aves e beethovens.

Gosto de Bola-Sete e Charles Chaplin.

O dia vai morrer aberto em mim.

Manoel de Barros. Livro Sobre Nada

Lido por Luca Leão

Sarau III Nov 2008

DESEJAR SER

I4.

O que não sei fazer desmancho em frases.

Eu fiz o nada aparecer.

(Represente que o homem é um poço escuro.

Aqui de cima não se vê nada.

Mas quando se chega ao fundo do poço já se pode ver
o nada.)

Perder o nada é um empobrecimento.

FIM

Manoel de Barros. Livro Sobre Nada

Lido por Luca Leão

Sarau III Nov 2008

MÃOS

De mãos dadas,
atravessamos vielas, ruas e avenidas;
de mãos dadas,
subimos ladeiras, colinas e serras;
de mãos dadas,
transpusemos arroios, rios e mares;
de mãos dadas,
ultrapassamos sinais, fogos e tempestades;
de mãos dadas,
caminhamos na Vila, na Lagoa e no Malecón.
Dadas as mãos,
atravessamos o fim,
a morte
e o infinito...

Poesia de Horácio dos Santos Ribeiro Filho – livro “Nas folgas da Academia”

Lido por Jasmina no Sarau III – nov/2008